

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



SOMNIUM

Nº 105 - Dezembro de 2012

ORSON SCOTT CARD
TIBOR MORICZ
FLÁVIA CÔRTEZ



PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE
ORSON SCOTT CARD





SOMNIUM

EDITORIAL

O ano de 2012 está chegando ao fim. Numa época em que se deve olhar para a frente e planejar um futuro cheio de realizações, também é bacana dar uma espiadinha para trás de relance, para apreciar as realizações.

E este ano que se encerra foi intenso. O Somnium teve quatro edições em seu novo formato, o prêmio Argos foi ressuscitado, o CLFC esteve presente em eventos como a Fantasicon em São Paulo e a JediCon no Rio de Janeiro. Além disso, o CLFC se envolveu em algumas ações sociais e eventos escolares, mostrando que a literatura de FC&F é, sim, legal, e que por trás daquele bando de *nerds* que adoram ler sobre viagens no tempo, naves espaciais, dragões, magia e elfos, existe muita gente preocupada com o futuro das nossas crianças, da nossa educação e do nosso país.

De tudo que o CLFC poderia fazer, essas ações são, sem dúvida, o mais importante. É isso que vai deixar um legado. Listas de discussões, bate-papos, encontros com os amigos, leituras, nada disso é mais importante do que fazer o bem a quem precisa. Sinto uma satisfação grande por ver o nosso clube fazendo parte dessas atividades.

E para fechar este ano cheio de realizações, decidimos



que o Somnium deveria ter uma edição especial de Natal. Entramos em contato com Orson Scott Card, o premiado autor de *O Jogo do Exterminador*, e pedimos autorização para traduzir um conto natalino que ele havia distribuído, alguns anos atrás, a seus leitores. A resposta dele, com a devida autorização, veio no mesmo dia. Aqui cabe um agradecimento especial ao sócio Roberto de Sousa Causo, cujo nome literalmente abriu as portas para que o contato fosse feito diretamente com o autor. Como é bom ter um nome de peso do nosso lado! O conto *Perdido no Inferno*, abre esta edição do Somnium, mostrando uma visão diferente e criativa a respeito da vida após a morte.

Em seguida, foi proposto a alguns autores que trabalhassem o tema do Natal em histórias voltadas para a fantasia e ficção científica. Este não é um trabalho fácil, posso assegurar. Dois autores toparam o desafio: Flávia Côrtes e Tibor Moricz.

O conto *Taxidermia*, da escritora e tradutora Flávia Côrtes, é simplesmente assustador. Falar qualquer coisa sobre ele pode estragar uma surpresa que só se revela por completo nas últimas linhas.

Milagre de Natal é a contribuição de Tibor Moricz para esta edição. Um conto que assusta pela simplicidade e crueldade, o que não é novidade para quem está familiarizado com alguns dos trabalhos de Moricz.

Sendo esta a última edição de 2012, o Somnium tem uma importantíssima menção a ser feita. As edições publicadas esse ano foram muito elogiadas não só pelo seu conteúdo, mas também pelas belas capas e pela diagramação bem feita. O “culpado” por isso tem nome: Marcelo Bighetti, nosso capista e diagramador. A cada nova edição, nossa dívida com ele só aumenta. Muito obrigado, Marcelo!

O Somnium deseja a todos os seus leitores um Natal cheio de alegrias e convívio com os entes queridos. Que este espírito de celebração e alegria se estenda por todo o ano de 2013, fazendo do mundo um lugar melhor e mais agradável para se viver.

Boa leitura!

Daniel Borba
Editor





Somnium – Edição 105, dezembro de 2012

Editor responsável: Daniel Borba

Capa e diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores: Orson Scott Card
Tibor Moricz
Flávia Côrtes

CLFC gestão 2011-2013

Presidente: Clinton Davisson Fialho – sócio n. 546 (Macaé- RJ)

Secretario-Executivo: Osame Kinouche Filho – sócio n. 186 (Ribeirão Preto- SP)

Tesoureiro: Daniel Fusco Borba – sócio n. 547 (São Paulo – SP)

Webmaster: Fábio San Juan – sócio n. 465 (Piracicaba – SP)

Contatos: contato@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

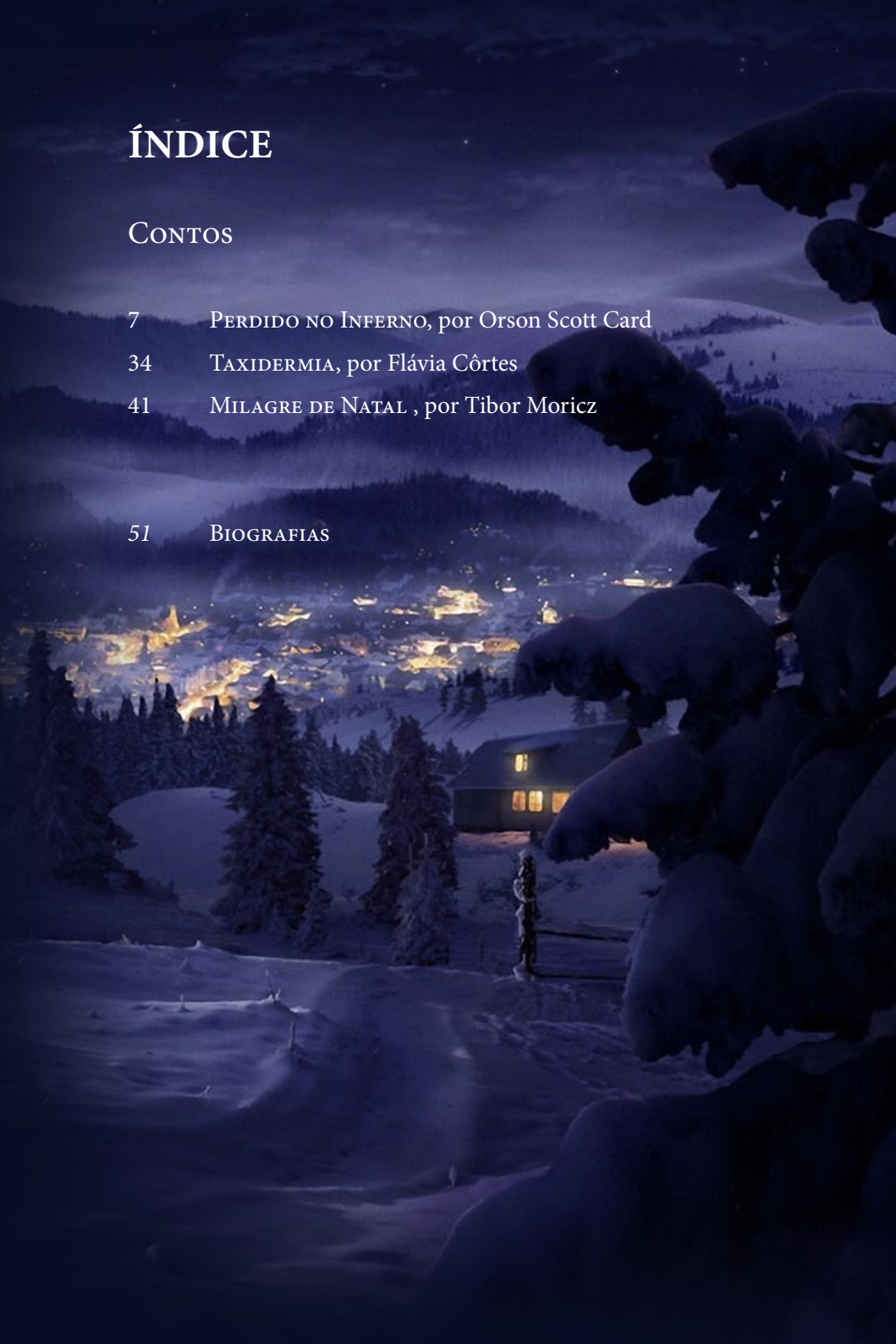
CONTOS

7 PERDIDO NO INFERNO, por Orson Scott Card

34 TAXIDERMIA, por Flávia Côrtes

41 MILAGRE DE NATAL, por Tibor Moricz

51 BIOGRAFIAS



PERDIDO NO INFERNO

Orson Scott Card



PERDIDO NO INFERNO

Orson Scott Card

Uma pessoa que não vai para o céu vai para o inferno, certo? Foi isso o que me ensinaram a vida toda. O céu é como ir pra Harvard, o inferno é como ir para uma faculdadezinha particular qualquer, dessas que aceitam qualquer um que tenha concluído o colégio. A diferença é que pra chegar ao inferno, o único diploma necessário é a morte.

Eu sempre lia aqueles livros sobre experiências de “quase-morte”, onde falavam sobre como a “luz” era acolhedora e cheia de amor. A sensação até que foi boa, mas um pouco decepcionante, porque quando você realmente morre (e não está lá só por um mero acaso), você vai além dessa fase de se sentir bem e, quando chega à luz, é sugado de uma vez, ou repelido. A coisa funciona como se fosse um ímã, dependendo de como você está polarizado.

Eu fui repelido.

Mas o que poderia esperar? Sempre ia à igreja, mas nunca fui muito rigoroso em outras coisas, tipo falar sempre a verdade ou ajudar o próximo. E sempre tinha material de escritório lá do meu trabalho que ia parar na minha casa. Nada demais, mas eu não era exatamente perfeito. Olhava para outras mulheres com cobiça. Coisas estilo Victoria's Secret, no máximo. Discutia com minha esposa, sem nunca ser violento, e a comparava à sua mãe com certa frequência. Eram aqueles pecadinhos normais. Sempre achei que mon-

tassem um gráfico, eu ficaria na parte mais alta da curva. Mas não. Era para tirar a nota máxima, se você erra uma questão, está fora.

Então, qual é a outra opção? O inferno, certo? Comecei a olhar à minha volta, tentando imaginar se Dante estava só inventando as coisas, mas, se estivesse falando a verdade, em que círculo será que eu entraria?

A grande verdade é que Dante não sabia de nada. Não há círculos. De repente, você se vê no meio de uma rua no inferno, aí você caminha até uma porta (e é sempre a mesma, não importa a rua em que você está), vê um monte de gente entrando e saindo, todos bem vestidos, e conclui que tem roupas boas no inferno (o que faz todo sentido) e bate à porta. Aí vem um cara, te olha como se você fosse uma minhoca e diz: “Nome?”

Quando disse meu nome, a resposta foi uma careta como se eu fosse uma comida vencida há mais de um mês. Então ele soltou um: “Por favor, não me faça perder tempo”, e fechou a porta na minha cara.

— Espera aí, aqui é o inferno, né?

— *Hades* — ele responde com desprezo.

— Bom, não fui para o céu, então tenho que entrar aqui, né?

— Não. — Ele diz, e explica com uma paciência forçada. — O lugar em que sempre são obrigados a te aceitar é a sua casa. Não o inferno. Aqui não *temos que aceitar* ninguém. É tudo uma questão de classe. Ninguém quer te ver aqui dentro. Tem gente importante aqui: Stalin, Hitler, Calígula, pelo amor de Deus... Ops! Eu não disse isso.

— Nem estou pedindo um lugar bom.

— Mas não há um lugar insignificante o suficiente para você.

Fiz umas contas rápidas. Quantas pessoas já viveram na Terra, quantas devem ter reprovado na prova para entrar no céu, quantos pecadores de primeira classe deveriam estar à minha frente.

— Mas então o que faço?

— Cai fora e libera a porta.

— Mas você acha que isso aqui é o Studio 54?

O sujeito ri:

— Não. É muito pior. Aqui é tipo a escola. E você... não é... legal.

Aí você sente a mão dele no seu peito. Quando te empurra, você não cai, você voa pela rua até bater num prédio. Só que não dói — você está morto, né? — e nem se machuca, e aí a ficha cai: você está preso na entrada do inferno, do lado de fora. Então você bate em mais algumas portas e o mesmo fulano está em cada uma delas para te jogar longe. Começa a chover. Uma garoa fina e gelada. Mesmo que você não se machuque, você sente frio e fica molhado, e sente que foi abandonado no frio — que é exatamente o que aconteceu. Você não vai ficar doente, nem morrer de fome, mas também não vai entrar.

Eu não estava sozinho. Há diversas ruas no inferno, cheias de sem-teto como eu. Todos se parecem com o que a gente costuma ver nas ruas mesmo. Alguns até parecem estar esperando para fazer algum acerto de drogas, apesar de saber que era tudo mentira. Afinal o que se pode comprar ou vender lá, mesmo se estiver portando uma arma? Ah sim, sua aparência é exatamente como você se enxerga, de

modo que alguns realmente estão portando armas, mesmo que não ofereçam perigo algum. Se oferecessem um perigo real, estariam lá dentro, vendo as *strippers* ou sei lá o que tem dentro do “Clube do Ódio”. Essa turma acredita que, se parecerem bem maus, ou se xingarem todo mundo na rua, um dia vão passar pelo cara da porta. E também tem as mulheres que se parecem com prostitutas. Fazem isso mesmo sem ter nada para oferecer. Mas, convenhamos, nem todo mundo no inferno é inteligente.

E tem os doidos, gritando e pregando o nome de Jesus e o fim do mundo. Mas de cara me dei conta de que de doidos não têm nada. Afinal, depois da morte não há mais esquizofrenia, já que não há mais cérebro. O que estão tentando fazer é equilibrar a balança, mostrar o quão corretos são, denunciando os pecados, gritando o nome de Jesus (ou quem quer que seja, já que a morte não muda suas crenças).

Comecei a observá-los enquanto andava pelas ruas, e por mais que tentasse, não conseguia me importar com eles. Isso me mostrou quão longa a eternidade seria, preso nas ruas do inferno. Rua após rua, nada mudava, a não ser os rostos. Nem mesmo o idioma mudava, já que depois da morte, todos os idiomas são um só. Todo mundo fala, ou pensa que fala árabe ou tagalo, e o que você entende é sua própria língua, ou pelo menos acha que é. De qualquer modo, você entende todo mundo, o que é muito ruim, porque nem dá para ir a um lugar onde você não entende as pessoas de modo a se desconectar. Você está sempre ligado, e isso cansa demais.

Os dias se passam, assim como na Terra, até que percebo que estou mesmo na Terra. Na verdade, estou em Washington, o lugar onde comprei uma fazenda e fui atropelado por um carro enquanto atravessava a Avenida Wisconsin

em Georgetown. Isso foi na noite de Ano Novo de 1999, o que significa que mesmo se o mundo não acabou naquela noite como todo mundo dizia, acabou para mim. Eu conhecia aquelas ruas. Podia caminhar até o shopping. Só que todas as pessoas que via estavam mortas.

Cheguei a pensar que o mundo todo estava destruído e todos haviam morrido, mas depois imaginei que, se fosse este o caso, haveria mais pessoas “recém-falecidas”. Afinal, se o mundo acabasse, muita gente iria para o inferno, e nem todos estariam preparados para entrar no “Studio 666”, então onde estariam? Não, o mundo não havia acabado. O que acabou foi somente o meu saco de sangue e ossos, que consumia oxigênio e expelia dióxido de carbono.

Então comecei a reparar em alguns sinais de que a vida continuava. As coisas mudavam de lugar. Algumas latas de lixo apareciam em lugares diferentes. Alguns carros estavam estacionados na rua, e depois não estavam mais. Mas não conseguia vê-los se mover. Nada se movia. Era como se desaparecessem cada vez que se moviam. E me dei conta de que era como uma fotografia em longa exposição. Com uma exposição longa e pouquíssima abertura, só o que não se move é que sai na foto. Pedestres, carros, tudo que se move desaparece.

É como se no inferno o tempo passasse tão devagar que os vivos fossem invisíveis. Finalmente entendi!

— Você acha que entendeu. — Disse um sujeito gordo.

Olhei de volta, meio sem entender por que ele era gordo. Fala sério, quando o sujeito morre, não precisa mais ser gordo.

— É como você se vê — ele disse. — Sabe quando dizem que dentro de um gordinho tem um cara magro ten-

tando sair? Não é verdade. É outro sujeito gordo que está lá dentro. Geralmente, mais gordo ainda.

— Você consegue emagrecer? — Perguntei, já que era a chance de manter um diálogo com alguém que não tentava subir ao céu nem afundar mais no inferno. E também porque a situação era engraçada.

— Dá para parecer mais magro — disse o gordinho — se você pensar que é mais magro.

— Então por que não dá para parecer bom e ir para o céu?

Ele fez que não com a cabeça.

— Esses pregadores não se imaginam bons. Imaginam-se perfeitos. Salvos. Escolhidos.

— Melhores que os demais.

— Isso. E também é assim com os malvadões e as mocinhas duronas. São carentes, e carência não te tira das ruas. A carência é o que te joga na rua.

— Se você é o sabidão — pergunto — está fazendo o quê aqui?

— É um conflito. — Ele responde. — Um problema comum. Sempre que tento ir a algum lugar, faço alguma coisa que me joga para o outro lado. — Ele fez uma careta antes de continuar. — Mas você... você tem um talento.

Talento? — pensei.

— Não sou eu que leio mentes por aqui. Você me responde antes mesmo de eu falar alguma coisa.

— É, tenho um bom ouvido. Não preciso esperar que você fale. Para falar a verdade, nós nem temos vozes. Só desejamos que nossos pensamentos sejam ouvidos e quem

estiver perto de nós ouve. E você, meu caro, pensa alto demais. E se consigo escutar, você consegue ver.

— Igual a todo mundo. — Respondi olhando ao redor.

— Não, senhor. Venho te observando. Quando atravessou a rua, você esperou o sinal abrir.

— Não. O sinal não abre nem fecha.

— E você desvia dos pedestres.

— Não há pedestres.

— Mesmo assim.

— Se não os vejo, como consigo desviar deles?

— Ah, metido a filósofo.

— Mas que diferença isso faz para você?

— Quero descobrir se você pode ser útil. Ou o que você é capaz de fazer.

— E isso por acaso é uma entrevista de emprego?

— Abriu uma vaga para duende.

Observei-o com mais cuidado. Não tinha um cachimbo na boca, mas sua barriga parecia um pote de gelatina.

— Devo dar risada quando te vejo?

— Clement Moore não me viu de verdade — ele respondeu. — Eu já havia desistido de fazer visitas pessoais muito tempo antes disso. Mas não faz muita diferença. Tenho essa mesma cara todo Natal — não, já começa durante o Halloween — e por pouco não teria que usar a roupa vermelha o ano todo. Eu era inclusive magro, quando os holandeses me desenhavam.

— Mas o que você faz aqui no inferno? Você não é São

Nicolau?

— Não estou no inferno. Assim como você também não.

— Deixa te dizer, Nick. Aqui não é o céu.

— Estamos pairando, meu amigo. Ou quem sabe flutuando, como uma peteca, sendo jogados de um lado para outro, quase chegando a um lado, depois quase chegando a outro.

— Bom, só estou andando pelas ruas.

— E se desviando dos pedestres.

— Não sei fazer brinquedos.

— Por mim... Esse negócio de fazer brinquedos é parte do folclore. Ninguém ainda percebeu que já morri? Nós não recebemos martelos e serras e ordens para fabricar brinquedos de madeira. Há uns poucos de nós que conseguem ver os vivos, e menos ainda são os que conseguem mover objetos no mundo material.

— Mas então de onde vêm todos os brinquedos para as crianças que são boazinhas?

— Ah, quando a gente precisa de brinquedos, o que não é tão frequente assim, nós os roubamos.

— Ah — respondi — agora entendo porque você não foi para o céu. Você não é o Papai Noel. Você é o Robin Hood.

— Geralmente nós quebramos os brinquedos — disse Noel — ou os escondemos. Não somos capazes de mover objetos para muito longe, e hoje é mais uma questão de economia. Pensando bem, isso vem da época em que eu era vivo. Eu era representado com sacos de dinheiro, porque era

o que eu fazia, minha boa ação: pagava um resgate e salvava crianças. O que mais usamos hoje é dinheiro. Principalmente por ser mais leve, fica mais fácil. Até os meus duendes mais fracos conseguem.

Não consegui me segurar. Ele falava de um modo tão sério. Caí na risada.

— Cara, você me pegou. Papai Noel roubando, quebrando, escondendo brinquedos, mexendo com dinheiro. Seus duendes são trombadinhas?

Ele pareceu não gostar.

— É. Não entendi a piadinha.

— Você não está me tirando?

— Quero saber se você consegue mover objetos. No mundo material.

— Já te disse, nem consigo ver as pessoas, quanto mais bater carteiras! E mesmo se conseguisse, nunca fui ladrão.

— Minha consciência doeu. — Pelo menos não de maneira deliberada, sistemática.

— Você tem outra proposta de emprego?

— Quero tentar ir para o céu — eu disse. — Já que ainda não estou no inferno, posso tentar, não?

— Eu também — respondeu o Papai Noel. — Em alguns anos, cheguei bem perto.

— E da oficina do diabo? Já chegou perto também?

Ele encolheu os ombros antes de responder.

— Eles até já me convidaram algumas vezes. Mas não para ficar. Meio pela porta dos fundos.

— E por que deveria aceitar sua oferta? Você já está

nessa há quanto tempo? Uns mil e quinhentos anos? E continua aqui.

— Você tem algum compromisso melhor? Tempo você tem de sobra.

— Papai Noel, desculpa pelo que vou falar, mas você é um doido de pedra.

— Meu amigo, ninguém é louco aqui — ele respondeu, balançando a cabeça. — Pode até ser que estejamos errados, mas nos é impossível mentir e não somos loucos. Mas como disse, não há pressa. Por favor, me avise se a turma de duendes do Papai Noel se tornar mais interessante do que... isso aí que você tem feito.

— E como te acho?

— Pergunte. — Respondeu com uma careta. — Se você ainda não percebeu, sou famoso. Todo mundo fica de olho em mim.

— Pensei que tivesse que ir até o Polo Norte.

Ele balançou a cabeça, virou-se e se afastou.



Ele estava certo. Eu era capaz de ver os vivos. E nem precisava acelerar ou diminuir a velocidade. A ideia era mais ou menos focar em outras coisas, meio que olhar para o lado e enxergar com a visão periférica. Mas era estranho, pois quando se está morto, não há uma visão periférica. Temos o hábito, após anos de visão binocular, de olhar somente para essa janela que fica bem à nossa frente, com pequenos lampejos do que ocorre ao redor. A maioria dos mortos não supera essa limitação, que simplesmente deixa

de existir após a morte. A sensação é mais ou menos como a das crianças que dizem que os professores têm olhos atrás da cabeça, ou quando sentimos que alguém está nos observando. Só que quando se está morto, tem-se essa sensação em todas as direções. Não é bem visão. Você *sabe* o que está acontecendo, e sua mente entende isso como se fosse sua visão. Eu não via os carros ou os pedestres, então era como seu não soubesse que estavam lá. Mas meu subconsciente sabia. Sabia das pessoas nos carros, nas ruas, e por algum tipo de reflexo me desviava delas, traçando meu caminho de modo inconsciente.

Graças a essa dica do Nick — detesto chamá-lo de Papai Noel porque esse nome vem carregado com tanta bagagem cultural, que dou risada só de me imaginar me dirigir a ele por esse nome — fiquei bom em observar os mortais. Tornou-se um hábito para mim, saber onde estão, o que fazem. Descobri que enxergava longe também, especialmente porque essa coisa subconsciente não podia ser bloqueada por paredes. Consigo saber quem está vindo de trás da esquina, mesmo antes da pessoa surgir no meu campo de visão. Nem sou tão bom, acho. Provavelmente tem alguns por aí que conseguem enxergar por quilômetros e quilômetros, atravessando montanhas e cidades. Talvez alguns até consigam enxergar o infinito, se forem capazes de separar as coisas que estão no caminho.

E não era só isso. Eu também era capaz de mover coisas.

O problema é que mover ou alterar o mundo material é diferente de enxergá-lo — não acontece automaticamente até você começar a notar. De um modo geral, um morto não altera o mundo material. Por isso, só não afunda na terra ou atravessa paredes porque ainda guarda um respeito pe-

las superficies com que se acostumou durante a vida. Um morto é, sim, capaz de atravessar paredes e afundar na terra, apesar disso se tornar muito chato a partir do momento em que se descobre que nada de interessante acontece no mundo das minhocas e roedores.

Mas é possível interferir nas coisas, sem tocar, empurrar ou puxar, mas — como posso explicar? — querendo MUITO que determinado objeto se mova. Isso, isso mesmo, “desejando”. Mas, veja bem, não estou falando aqui de uma mera vontadezinha, tipo “Ah, como queria poder comer um chocolate novamente”. Nesse caso, tem que ser um desejo tão intenso, mas tão intenso, que chega a consumir, do mesmo modo que o fogo consome uma sacolinha de plástico. A pessoa se sente encolhida, magra, enfraquecida. Mas ao mesmo tempo é legal, porque a pessoa se sente extremamente poderosa, como se fosse um herói. Isso tudo só porque fez uma cadeira sair do lugar.

Mas quem quer tirar uma simples cadeira do lugar? É por isso que os *poltergeists* não aparecem com frequência e são geralmente muito malvados. Estão sempre bravos e ficam jogando as coisas de um lado para outro só para causar medo nos vivos. O desejo deles é causar medo, para obter poder. É meio ridículo e, com certeza, MUITO mau. Mas mesmo assim, o cara da porta não os deixa entrar no “Clube de Baixo”, porque, convenhamos, ninguém quer alguém jogando móveis para todo lado, ou derramando as bebidas.

Eu não sou um *poltergeist*. Não estou bravo com ninguém. Bem, isso foi uma mentira de leve. Na verdade, ando bem chateado por ter ficado preso entre céu e inferno, e meio irritado por ter morrido antes do melhor da minha vida (pelo menos é assim que gosto de pensar, já que até então minha vida não vinha sendo lá essas coisas). Sendo

assim, como é que ia fazer alguma coisa sair do lugar?

Foi o Nick que me ensinou. Depois que me dei conta de que ele estava certo a respeito da minha “visão” dos vivos, procurei por ele, e ele cuidou de mim junto com alguns outros duendes. Aliás, esses duendes não têm nada de pequenos ou bonitinhos, são apenas gente morta como eu. Então me ensinaram o trabalho.

Isso não acontece somente no Natal, apesar de que essa época festiva é meio que a época de declaração de imposto de renda para os contadores. Nick e sua turma passam o ano todo de olho nas crianças. Primeiro escolhem uma criança — quase que aleatoriamente, me parece, mas é possível que haja algum sistema — e a seguem, vigiando-a. Para a maioria das crianças a vida passa numa boa. Claro que levam bronca, apanham, são ignoradas, ridicularizadas, as coisinhas de sempre que tornam a vida interessante. Mas quase sempre são amadas, têm alguém que cuide delas, têm alguém que gosta de tê-las por perto. Com isso, dá para superar um monte de problemas.

Mas há outras crianças. Dois tipos: os valentões e as vítimas. São essas que o Nick está procurando. As vítimas partem seu coração. Não há muito que se possa fazer pelos que estão apanhando ou sendo torturados. Há uma raiva tão poderosa nos que judiam delas que nos é impossível igualar com um simples desejo, além do fato de possuírem corpos físicos, o que nos torna praticamente inúteis. Nesse caso, o que a turma do Nick tenta fazer é mostrar para outras pessoas o que está acontecendo. Coisa simples, tipo fazer com que uma camiseta seja levantada para mostrar um ferimento, ou chamar a atenção de um vizinho para que olhe pela janela, qualquer coisa que o faça desconfiar. Muitos acabam chamando a polícia ou alguma entidade que cuide de crianças.

Mas também há os que não fazem nada, o que nos entristece demais. Nesses casos, somos obrigados a aguardar até que a criança se junte a nós. Muitos dos melhores homens do Nick vêm de situações assim, são seus batedores. Eles são ótimos nisso.

Há também os negligenciados, a quem o Nick pode ajudar bastante. Muitas vezes levamos comida para eles. Vez ou outra, conseguimos abrir uma porta — muito difícil, vocês não fazem ideia. Alguns de nós que não conseguimos mover objetos, conseguimos emitir sons que podem ser ouvidos pelos vivos. Podem até cantar ou conversar com essas crianças quando estão sozinhas. Contar histórias. Muitas vezes nos chamam de amigos imaginários, mas tudo bem, ninguém quer a glória para si. A ideia é apenas mostrar a essas crianças que não estão sozinhas, que há alguém que se importa. E muitas vezes as canções são tão belas. Até os surdos as ouvem, porque vão direto a suas mentes. Eu muitas vezes os acompanho, apenas para ouvi-los cantar. Se não é possível salvar suas vidas, pelo menos fazemos com que o que resta delas seja melhor. Nenhum de nós dá muita importância à morte. Afinal, estamos mortos e não temos medo disso. É por isso que não tentamos salvar vidas. Claro que se pudermos levar uns biscoitos a uma criança, nos esforçamos para isso, mas no dia seguinte ela vai precisar de mais, né? Por outro lado, uma bela canção pode habitar suas mentes por muitas e muitas noites escuras e solitárias.

Mas esse não é o meu trabalho. Não sou um cantor, faço as coisas se moverem, e para isso tenho que ficar bravo. É o meu sentimento de injustiça que fica irritado. Por isso, faço parte da patrulha dos valentões.

Você sabe de quem estou falando. Alguns são fisicamente violentos, mas a maioria faz um estrago maior com

a língua. Eles têm um instinto que magoa com mais intensidade os garotos mais fracos. Às vezes é óbvio: ninguém precisa ser um gênio para caçoar de uma criança com nariz grande. Só que parece que alguns desses valentões conseguem ler a mente das pessoas. Se a criança tem uma mãe que é alcoólatra, o valentão começa a fazer piadas sobre a mãe dela. Como é possível? Ou então se uma menininha é sozinha e medrosa, as outras garotas falam mal das suas roupas ou se fingem de amigas, fazem a menina se abrir, confiar nelas, só para fazerem troça depois. Muitas vezes, as maldades são tão elaboradas que chega a ser inacreditável que alguém se dê a todo esse trabalho só para fazer os outros infelizes.

Ah, como isso me irrita. Isso mexe comigo de tal forma, que o sentimento vai se fortalecendo até que consigo tirar as coisas do lugar.

Mas o problema é o quê tirar do lugar. Não posso dizer que esses valentões mereçam morrer, então não posso simplesmente jogar o teto na cabeça deles. Mesmo não dando tanta importância para a morte, assassinato é coisa séria e uma das regras básicas no universo é que, mesmo sendo capazes de fazer um pouco de bagunça por aí, somos incapazes de cometer assassinato. Por mais que tenhamos o desejo, se uma coisa, ao sair do lugar, puder matar alguém, ela simplesmente não se mexe.

O que nos resta é ser criativos. Sempre tento exercer a justiça. Se uma garota tira sarro do nariz grande da outra, faço com que ela bata de cara numa porta que se move repentinamente. Um narigão bem inchado. Vamos ver como se sente com todo mundo olhando para ela. Ou então um menino que gosta de empurrar os menores. Dou um jeito de fazer com que torça o tornozelo ou tropece bem na hora

em que está se aproximando da vítima. Desse modo passa vergonha na frente dos outros ou sente um pouquinho de dor para ver como é. A minha vingança preferida acontece quando, no momento em que o valentão encosta na vítima, faço o nariz desta sangrar ou seu olho ficar roxo. Claro que é sem machucar, mas faço com que os outros tenham a impressão de que o valentão atacou com tudo, o que vai lhe garantir sérios problemas. Algumas vezes, o valentão fica tão assustado pelo que “fez” que passa a se controlar e simplesmente para de atormentar as outras crianças.

Mas aí é que está o problema. Estou tentando ser justo, proteger as crianças, modificar as crianças que gostam de maldades, fazer com que sejam um pouco mais corretas, aprender a ter compaixão. Mas bem lá no fundo, o que é que estou fazendo? Trazendo dor. Machucando os outros. Tudo por uma boa causa, né? Mas lembre-se, o mesmo sujeito que te julga é aquele que disse: “Vira a outra face”.

Eu digo a mim mesmo que viraria a outra face. Mas ele também não disse que devemos dar as costas e fingir que não vimos nada, certo? E, além disso, ele também disse que seria melhor amarrar uma pedra no pescoço e pular no mar, ao invés de ferir um dos pequeninos.

Sendo totalmente honesto, devo me lembrar que acabo ferindo alguns dos pequeninos também. Os malvados, os perversos, os que provavelmente ele nem pensa que são seus. Mas se dizem que ele tem uma capacidade infinita de perdoar, então são seus, sim. Ele não se irritou com os comerciantes, não os açoitou e derrubou suas mesas? Certamente ele entende o que sentem os que tentam parar os valentões.

Sabe qual o grande problema? Somos poucos. Poucos de nós são capazes de enxergar os vivos (e pouco se pode

fazer se você não enxerga o que está acontecendo), e, em menor número, ainda são os que, ao verem alguma coisa, se importam. Em geral, os mortos se desconectam dos vivos. E daí que os mortais são ruins uns para com os outros? Grande coisa, deixa quieto. Siga em frente com... bem, com sua morte. Seja lá o que isso quer dizer. Não se pode consertar o mundo mortal. Ninguém ganha nada com isso. Já não foi para o céu mesmo, não vai fazer muita diferença.

Poucos entre nós se importam e têm a capacidade de fazer algo pelas crianças. Mas mesmo se fizermos a diferença para algumas, ainda há milhares, milhões que nem enxergamos. Nem por isso paramos. É um motivo a mais para seguir trabalhando com afinco. E nem precisamos dormir, o que já ajuda muito. Podemos trabalhar vinte e quatro horas por dia.

Só que isso cansa. Não fisicamente. Mas sua alma fica cansada. São tantas pessoas malvadas. Ao mesmo tempo, as vítimas têm tanta esperança de serem amadas de verdade pelos pais ou de acharem amigos na escola. E aqui estamos, tentando manter essas esperanças ainda vivas. Isso quebra o coração. Dá desespero saber que mesmo com tanta esperança, sempre vem um valentão para estragar tudo. Por que odeiam tanto a felicidade alheia? Principalmente em se tratando de crianças, onde aprendem a sentirem tanto prazer na miséria dos outros?

Será que eu era assim?

Cara, essa pergunta fica direto na minha cabeça. Tanta coisa ruim que disse para outras crianças. Eu tinha um amigo na escola. Éramos bem amigos. Ele era inteligente e talentoso, eu gostava muito dele. Um belo dia estava com uma música na cabeça e, do nada, inventei uma letra nova para essa música, fazendo gozação dele. A letra falava sobre

o meu amigo Bruce, e de como era convencido. Pior que ele não era nada convencido, mas se empolgava quando conseguia fazer algo bem feito. Hoje, pensando bem, vejo que não era nada convencido, mas gostava de aprender coisas novas e compartilhava isso com os amigos. Bom, então curei esse “defeito” dele. Não bastasse inventar a letra, comecei a cantar isso para todos os outros amigos, e adorei quando morreram de rir. Descobri meu primeiro talento: maldade musical. Escrevi umas vinte músicas pro Bruce. Até que ele parou de andar conosco e as músicas deixaram de ser engraçadas, porque ele não estava mais perto. Deixei de ser o esperto para ser o bobão.

Quando me lembro disso, me pergunto onde será que o Nick estava. Talvez ele e sua turma tenham me visto e chegado à conclusão de que o Bruce era mesmo esperto, e não precisava de um idiota como eu ao seu lado. Eles nem fizeram nada para me impedir, porque talvez eu não fosse importante o suficiente para que Bruce fosse ajudado. Espero que tenha sido isso. Espero não ter causado um estrago muito grande.

É esse tipo de coisa que passa pela cabeça de quem está na patrulha dos valentões. Auto avaliação demais, acho, mas não dá para evitar. Você se vê tanto nos valentões quanto nas vítimas. Afinal, são apenas crianças. Mesmo malvados, são apenas crianças, e ainda podem se tornar alguém de valor.



O Natal é dureza. Tive um ano inteiro de aprendizado, principalmente nas ruas dos Estados Unidos, porque conhecia a cultura bem suficiente para reconhecer o que acontecia com as crianças e pensar em como ajudá-las. E

justo quando já estava pegando o jeito para atrapalhar os valentões, Nick me avisou:

— É época de Natal. A patrulha dos valentões está suspensa até depois do grande dia.

Claro que chegou o Natal. É impossível passar batido, afinal o Nick passou a usar a roupa vermelha. Quando a cidade começa a ser decorada, seu rosto está em todos os lugares, com aquela cara redonda de Papai Noel da Coca-Cola. Sua roupa vermelha praticamente salta de dentro dele, e é assim que passamos a vê-lo. Ainda bem que não consigo me ver em espelhos, porque não ficaria nem um pouco surpreso se estivesse baixinho e usando uma roupa verde. De vez em quando penso em sair gritando com quem cria essas imagens. Será que não podiam nos dar um pouco de dignidade?

Natal e duendes. Aí é que começamos a roubar de verdade.

Ah, você pensava que nós fazíamos os brinquedos? Nós estamos mortos, e mesmo se não estivéssemos a maioria dos brinquedos que as crianças querem hoje em dia é elaborada. Você tem ideia do equipamento necessário para fabricar uma única pecinha de Lego? E um boneco do Toy Story? Não, não fazemos brinquedos. Simplesmente fazemos uma redistribuição.

E não trabalhamos nas lojas. Pense comigo: quem vai às lojas de brinquedos? Gente que não tem dinheiro? Improvável. Então que vantagem teria ir até um estacionamento de um desses estabelecimentos e trocar os brinquedos de um carrinho de compras para outro? Nem somos capazes de mover as coisas para muito longe. Já ficamos acabados só por empurrá-las. Então não existe esse negócio de sacos de

brinquedos descendo chaminé abaixo. É muito raro aparecer alguma coisa embaixo da árvore de Natal sem que papai e mamãe saibam a respeito.

Além disso, temos que ficar bravos para tirar as coisas do lugar, certo? Então, veja o que fazemos na patrulha do Natal.

Primeiro, procuramos por pessoas que tenham mais do que necessitam e que estão próximas de outras pessoas pobres. Ou então procuramos crianças pobres que estejam em algum lugar onde há muito dinheiro circulando. Aí fico ao lado de um dos duendes cantores, para que ele distraia a pessoa rica, enquanto faço com que uma nota de dinheiro escape de suas mãos e caia no chão. Depois, fico tomando conta dessa nota, para que ninguém mais a veja, enquanto o duende cantor atrai a criança para perto dela. E, por fim, dou um jeitinho de empurrar a nota (ou às vezes somente uma moedinha, se foi tudo que consegui) até que a criança a veja.

Sabe o que mais me admira? A quantidade de crianças que imediatamente tenta devolver o dinheiro para o dono da loja ou para seus pais. Bom, depois que damos o dinheiro às crianças, podem fazer o que bem entenderem com ele. O presente foi entregue. E quem sabe, o melhor presente mesmo seja a criança pegar o dinheiro e devolver ao dono da loja, para provar que não precisa dele, que é mais importante ser uma pessoa correta. E quem sabe se o dinheiro foi parar na mão dos pais, aí é comida na mesa. Claro que muitas vezes acaba virando bebida, o que explica a pobreza deles, mas a culpa não é da criança, já que ela fez a coisa certa, dando a sua contribuição para a família.

Metade das crianças acaba ficando com o dinheiro, o que é normal, até melhor. Sabe por quê? Quase sempre

usam uma parte do dinheiro para comprar um docinho (um sorvete, chocolate ou biscoito), e o resto vai direto para comprar um presente para outra pessoa. Um irmãozinho ou irmãzinha, papai ou mamãe, ou até uma professora boazinha. Cheguei até a ver um menino, depois de ter comprado o doce, entregar todo o troco para outra criança, desejando-lhe um feliz natal. Senti um amor tão grande por aquele menino. Mostrou que entendeu o recado.

Isso é o Natal. Usamos a festa para entregar presentes para crianças que não possuem nada. Trata-se de trazer esperança, exatamente como fazemos no resto do ano. Esse é o trabalho do Nick. Seu negócio é a esperança.



No dia seguinte ao Natal, voltamos à nossa escala de trabalho normal, mas o Nick veio conversar comigo, a roupa vermelha ainda lá, ele com aquela cara de Papai Noel.

— Quer fazer uma longa caminhada comigo?

Não faço ideia do que se trata, mas concordo, porque é isso que ele quer e é somente graças a ele que sinto que valho alguma coisa, mesmo aqui nas ruas do inferno. Seja lá qual for a caminhada, não vou me cansar, nem preciso carregar uma barraca nas costas. Então aceito o convite e lá vamos nós.

Direto para a luz.

A caminhada não é muito longa. Em qualquer lugar que você estiver na Terra, quando decidir ir para a luz, ela vai aparecer logo ali na sua frente. O Nick sabe exatamente o caminho. Todos os anos depois do Natal ele se volta para a luz e tenta entrar. Foi para isso que me convidou. Os outros

duendes provavelmente já foram, até mais de uma vez, e devem ter adorado que ele convidou o novato.

Lá vai o Nick, andando firme em direção à luz, e é impossível não pensar: *Dessa vez consegue. Dessa vez sai do inferno!*

Ele já está por aqui há tanto tempo, todo mundo tem esperança por ele.

E então... BAM! Ele já está de volta. Ele te encara, encolhe os ombros.

— Na próxima vez — diz.

Mas eu era um novato ainda, e vinha trabalhando a minha raiva o ano inteiro. E ainda estava longe de conseguir ir para o céu. Afinal, se o Nick não consegue, que chance tenho eu?

Então dou um berro — não exatamente um grito, porque não sai som, mas estou com raiva, entende? — mesmo sabendo que não deveria me irritar em frente à luz:

— Você já parou para pensar que suas exigências idiotas talvez sejam demais? Quem está aí dentro, afinal? Um monte de mártires beatos? Um bando de gente que nunca quebrou uma regrinha sequer? Esse cara aqui, o Nick, mesmo morto, está tentando fazer alguma coisa. Não vi nenhum de vocês aqui embaixo tentando ajudar as criancinhas. E aí? Já pensou nisso? Tem gente aí no céu não fazendo porcaria nenhuma, enquanto tem gente aqui no inferno tentando ajudar!

Depois de falar tudo isso, a raiva se ameniza um pouco, e me dou conta do que estou fazendo, e aí penso que vai levar uns dez mil anos para me livrar da blasfêmia que acabei de cometer.

E, do nada, vem uma voz na minha mente, provavelmente como quando os duendes cantam para as crianças. Uma voz tão macia, tão gentil, e tudo que me diz é: *Tudo que fizeres a um de meus pequeninos, farás a mim.*”

Isso me faz perceber. Ele vê e sabe o que estamos fazendo. O tipo de trabalho que fazemos. Ele sabe e nos ama por isso, mas ainda assim...

Ainda assim, o Nick não consegue entrar.

Olho para ele, e o vejo encolher os ombros novamente:

— Gritar não adianta — ele diz.

Então me conduz de volta da longa caminhada. Essa é a parte “longa”. Chegar até a luz é rápido, mas o caminho de volta é lento e penoso, porque cada passo é doloroso depois de nos aproximarmos de uma coisa tão bela e termos que voltar para o mesmo mundo de sempre, com os mortos pregando ou fingindo ser legais, e os vivos aproveitando a vida como se ela fosse realmente longa e eles tivessem todo o tempo do mundo. É impossível deixarmos de pensar, ao observarmos os vivos, que as coisas são fáceis para eles, porque podem fazer o que quiserem, mesmo que quase nunca façam algo que realmente seja importante. Muitas crianças só precisam de uma palavra, um sorriso, ou quem sabe um ato de caridade. Algo que qualquer pessoa viva poderia dar, mas quem acaba fazendo isso são os mortos. Ainda bem que ainda há alguns vivos que se importam, são bons com as crianças. Esses considero meus amigos, meus irmãos e irmãs. Não posso demonstrar meu amor por ele, mas fico feliz que estejam vivos. Graças a eles, o inferno não é tão... infernal.

Finalmente estamos de volta às ruas do inferno. Nick então diz:

— Mais um ano pela frente.

— Nick, obrigado por me deixar participar. Talvez não seja bom o bastante para eles, mas é para mim.

Ele sorri, e mesmo sem se mover, sinto como se me desse um tapinha nas costas.

— Então é bom o bastante para mim também — ele diz, ao se afastar.

Mas algo parece errado. Alguma coisa mais me chama a atenção além da roupa vermelha. Ele parece caminhar de um jeito diferente, que pode até ser fruto da minha imaginação influenciando meus sentimentos. Nick acabou de ser recusado no céu pela milésima vez, mas mesmo assim, está quase dançando.

— Ei — grito — ei, Papai Noel!

Quando ele se vira para mim, e novamente nos vemos face a face, pergunto:

— Por que está tão feliz?

— Foi um bom Natal — responde de modo inocente, falando a verdade, mas sem de fato responder a minha pergunta.

— E como é que não conseguiu este ano? — questiono.

— Eles não explicam os motivos.

— Que nada! — Respondo. — Saí da luz sabendo de cada pecado que cometi. Você já tem toda a sua lista, Nick. Quero saber o que te impede de entrar.

Ele se vira lentamente, apontando a rua ao redor. Toda a decoração ainda está montada, e lá está ele, em cada janela, o Papai Noel, sorrindo e vendendo mercadorias.

— É isso — responde.

— Os enfeites de Natal?

— O fato de que é o meu rosto, e não o dele.

— Não é você que faz esses desenhos, não é você que os pendura!

— É, mas gosto deles lá. Gosto de ser famoso, ele não.

— Então é isso? É por isso?

— Nem sei se é isso. Nunca me deram uma lista de pecados. Mas pelo menos explica, né? É melhor do que nada.

Dessa vez ele se vai, e é hora de voltar à patrulha dos valentões, mas um pensamento me ocorre. Talvez ele não receba uma lista com seus pecados porque essa lista não existe. Ao menos, não para ele. Porque não tem pecados. Ficou um tempão lá na luz antes de ser expulso. E se na verdade não foi expulso? E se escolhe voltar todos os anos, mesmo sem ter necessidade? Porque de repente prefere ficar aqui, perdido no inferno, fazendo o que faz, ao invés de ficar feliz lá no céu. Vai ver, o céu, com uma harpa ou sei lá o que, vai ser um inferno para ele, sabendo que poderia estar ajudando as criancinhas aqui embaixo. Isso quer dizer que para ele, o único modo de estar no céu é não estar no céu. Ele tem um trabalho a fazer, e está conseguindo fazê-lo, e isso sim é o céu para ele.

Aí vem um pensamento ainda mais estranho na minha cabeça. E se isso é que é o céu para qualquer um? E se todos são expulsos da luz de volta ao inferno, mas quem encontra a coisa certa para fazer, encontra o seu próprio céu? Veja o meu caso: um trabalho que faz a diferença no mundo. Bons amigos trabalhando ao meu lado. A liderança do Nick, um homem em quem posso me espelhar. Será que existe algu-

ma coisa melhor do que isso no céu?

Ah, não pode ser verdade. Se assim fosse, São Francisco, São Pedro e tantos outros não estariam aqui, trabalhando ao nosso lado? Não, o céu é o céu. Eu estou no inferno. Talvez o Nick seja um anjo disfarçado, e talvez seja exatamente o que aparenta: mais um cara morto perdido, desesperado para sair das ruas. Que diferença isso faz?

Não estou sofrendo. Pensando bem, tive um excelente Natal. Vi muitas coisas tristes, mas vi coisas boas também. E algumas destas foram provocadas por mim.

Foi então que tive essa ideia. Poderia provocar até mais coisas boas se conseguisse contar aos vivos como é onde estou, como funcionam as coisas aqui. Não dá para fazer isso como se eu fosse um anjo tocando uma trombeta para que todos acreditem, mas posso contar uma história. Fazer com que as letras apareçam numa tela de computador é muito fácil para quem já tirou uma nota de dinheiro de uma carteira e a jogou no chão. Então procurei um cara que deixa o computador ligado dia e noite, e escrevi tudo isso para que você leia. Você pode acreditar nessa história, ou achar que é tudo invenção, não me importa. Para mim tanto faz no que você acredita. O que importa é o que você faz.

Bom, já perdi todo o tempo que podia. Como dizem: *é hora de trabalhar* Estou atolado até o pescoço e são poucas as pás. Feliz Natal. Que Deus abençoe a todos. Deixai vir a mim as criancinhas. E tudo aquilo que vocês já sabem.



(conto originalmente publicado no site oficial do autor: www.hatrack.com. Traduzido para o português e publicado com a autorização do autor)



TAXIDERMIA

Flávia Côrtes

TAXIDERMIA

Flávia Côrtes

Ao som de Strauss, limpo a bancada de trabalho, ainda respingada de sangue e restos biológicos, e preparo o material que será utilizado. Gosto de ter tudo sempre à mão. Pinças, bisturi, tesoura, algodão, agulha e linha. Verifico novamente o termômetro da câmara de resfriamento. Com o *dial* selecionado para congelamento rápido, a -40°C , não deve demorar muito para que eu possa iniciar o procedimento. Estou próximo a criar minha obra prima, e para isso preciso estar preparado. Paro para apreciar os últimos espécimes finalizados e expostos na prateleira superior. Um rato que encontrei morto na garagem, um gato que atropeliei por acidente e um coelho do mato que invadiu minha sala na semana passada. Tenho prazer e orgulho do que faço. Por mais que isso soe estranho, a taxidermia para mim é terapêutica, me faz desligar dos problemas, me aproxima da natureza, da vida. Sorvo um gole da taça de vinho tinto, afinal, é véspera de Natal.

Meu refúgio é esta oficina. Foi para cá que corri quando todos chegaram há algumas noites e o chalé ficou pequeno para tanto falatório, cantoria, discussões. Eles vieram como uma avalanche, e já chegaram incomodando, invadindo cada espaço como se fosse deles, o que me fez recordar porque evito contato com a família nos outros trezentos e sessenta e quatro dias do ano.

Meu pai, homem austero e intransigente, chegou

apoiado em minha submissa mãe. Atrás deles, minha irmã, uma versão feminina de meu pai, de braço dado com seu marido, um pau-mandado, desprovido de personalidade, seguidos por sua pequena prole de desagradáveis gêmeos. Por fim, meu irmão, um *bonvivan*, cujo único objetivo de vida é acabar com os recursos da família.

Eles não entenderam minha paixão pela taxidermia. Acreditaram ser coisa repentina, após minha trágica perda. Mas a taxidermia é uma arte, que engloba medicina, biologia, anatomia, química, artes plásticas, e até mesmo engenharia. É algo que me atrai desde garoto.

— Você precisa sair, voltar a viver — minha irmã foi a primeira a invadir minha oficina. — Não é porque ficou viúvo que tem de se encarcerar desta forma, neste chalé, com tudo exatamente como Laura deixou. Aquele quarto que você mantém trancado e intacto... Aquilo não é saudável! É como se ela não tivesse morrido. Entregue-me a chave que cuida de tudo para você — ela olhou em volta torcendo o nariz. — E esta oficina da qual você não arreda pé me dá arrepios. Todos estes animais empalhados, parecendo prontos a nos atacar. É assustador. Isso é uma casa dos horrores!

Passei os olhos pelas prateleiras com os pequenos animais que tão cuidadosamente tratei e aos quais imortalizei. Não compreendi onde estava o horror. Os gêmeos entraram correndo.

— Pedrinho! Não mexa aí! Você vai se cortar nessas coisas pontudas. Onde já se viu deixar facas e espátulas afiadas ao alcance das crianças, mano?

Eu possuía cinco vidros com fetos de tatu em diferentes estágios, conservados em formol. Estavam alinhados em uma das prateleiras. Um dos gêmeos — não sei diferenciá-

-los — tanto se pendurou para alcançá-los que derrubou o maior dos frascos, arruinando minha coleção.

— Paulinho! — ela puxou o menino pelo braço com tanta força que o desequilibrou e ele chutou o fundo do vidro já partido, mas que ainda guardava o feto intacto.

Senti o sangue ferver, mas não disse nada. O resto de formol escorreu pelo chão. O espécime, ainda sem sua cou-raça característica, de pele lisa, transparente, e desbotado pela ação química, deslizou facilmente pelo líquido, indo parar aos pés de minha irmã. Ela estremeceu e vomitou. A seguir, começou a gritar e a sapatear como alucinada, esmagando metade do feto com sua bota de grife. Meu cunhado apareceu, arrastando os gêmeos para fora, mas não sem antes deixá-los cuspir sobre o que restava do feto.

O processo de taxidermia é lento, mas pode ser acelerado com a interação de certos procedimentos e o uso de equipamentos sofisticados. A câmara de resfriamento apita, avisando ter finalizado o congelamento. Com o sangue já coagulado, é a hora de começar a retirada da pele. É necessário ser preciso. Minha habilidade cirúrgica conta muitos pontos nesta hora crítica. Corto as carnes em pontos estratégicos e desloco a pele, retirando-a aos poucos. Pode parecer estranho, ou até piada de mau gosto, um cirurgião como eu tornar-se taxidermista. Mas é o que me permitiu continuar vivendo.

Meu pai sempre teve dificuldade de entender as minhas escolhas de vida e chegou fingindo ser de paz.

— Filho, você irá trabalhar conosco na firma. Criei o cargo de diretor consultivo. Você não terá muitas obrigações, mas sua presença será obrigatória — contive-me para não perder a razão. — Você precisa deixar este chalé e essas

recordações.

— Sabe que nunca quis trabalhar na firma — respondi.
— Estou bem aqui, não preciso do seu dinheiro.

— Você sempre foi um desnaturado — ele explodiu. — Não estava falando de dinheiro. Respeitei quando sua mãe disse que você precisava de um tempo, mas já se passaram anos que ela se foi. E não irá voltar! — ele gritou, olhando com desprezo para um retrato de Laura na parede. — Você tem de seguir com a vida!

Meu trabalho é uma terapia, me faz esquecer esses momentos ruins. Retorno ao trabalho, separando os órgãos em recipientes esterilizados e descartando as vísceras. Com uma única incisão, tenho acesso ao fígado, pulmões e coração. Orgulho-me de minha precisão cirúrgica.

— Você precisa é cair na farra, afogar as mágoas na bunda de uma mulher gostosa — disse meu irmão, após algumas taças de vinho. — Se bem que você nunca teve muito jeito com mulheres. Não fosse por mim, não teria nem conhecido a Laura. E pensar que eu e ela tivemos todos aqueles momentos românticos em Paris antes dela me largar. Mas você sempre gostou de ficar com minhas sobras.

A raiva começa a tomar conta de mim novamente, mas coloco o último dos sete corações em seu devido jarro e o posiciono em local de honra na prateleira, ao lado dos outros. Aguardo um instante para saborear a visão do meu trabalho. Volto para a bancada de trabalho e retiro boa parte da carne. As poucas que sobram, trato com injeções de formol. Com cuidado, distendo os membros, preservando as características morfológicas. Lembro-me da conversa que tive com minha mãe.

— Meu filho, já está na hora de você conhecer outras

moças e se interessar pela vida novamente. Viver assim, cercado por lembranças, só te faz sofrer. E eu quero te ver feliz — minha doce mãe sempre foi a única razão para que eu chamasse aquela horda de família.

O clima está ruim lá fora. O vento se intensifica e as janelas trepidam. Um trovão relampeja e a chuva fina começa a cair. Chuva de verão. Passageira. Como, finalmente, o são as visitas natalinas.

Volto ao trabalho, recheando os espécimes com algodão e dando-lhe as formas definitivas. Os olhos são os últimos detalhes. Normalmente utilizo olhos de boneca, mas como desta vez os espécimes são grandes opto pelas bolas de gude. Os olhos não podem ser naturais porque ressecam e afundam, ainda que tratados com formol.

Ainda um pouco assombrado pelas lembranças, mas com a sensação do dever cumprido, carrego, um a um, os sete corpos nos quais trabalhei nestes últimos dias até a sala de jantar. A casa está envolta no mais profundo silêncio, finalmente. O cenário está pronto, com os sete posicionados à mesa. Tomo mais um gole do vinho, enquanto a luz difusa de um relâmpago atravessa a janela e ilumina minha mais perfeita criação: os corpos imóveis de minha família. Eternizados pela taxidermia.

Mamãe e papai lado a lado. Não quis separá-los, por achar de mau gosto. Deixei a cabeceira para meu irmão, imortalizado num sorriso irônico. Minha irmã e cunhado, os deixei frente a frente, ela ao lado dos pais, como sei que gostaria. Por fim, o que considero minha obra prima: os gêmeos, finalmente quietinhos, comportados, as bochechas rosadas, ao lado do pai.

Deixo a sala de jantar e retiro do bolso uma pequena

chave, abrindo finalmente a porta do quarto, que precisei manter fechada até então. No pequeno sofá, diante da janela, repousa minha bela Laura, imortalizada. Toco-lhe levemente os lábios com os meus, num beijo devotado, e me aconchego ao seu lado, seus cabelos roçando de leve o meu rosto.

— Feliz Natal, meu amor! — brindei, sorvendo com vontade o resto do conteúdo da taça.



The background of the entire page is a close-up photograph of a Christmas tree branch. The needles are a deep, dark green, and the branch is densely packed with them. Interspersed among the needles are numerous small, bright, shimmering lights that appear to be reflecting or glowing, creating a sparkling effect. The lighting is somewhat dramatic, with some areas being brighter than others, highlighting the texture of the needles and the individual points of light.

MILAGRE DO NATAL

Tibor Moricz

MILAGRE DO NATAL

Tibor Moricz

Renato se alçou no sofá, agarrou-se às almofadas, trepou no encosto e, abrindo as cortinas da janela da sala, grudou o rosto no vidro, bafejando-o. Olhava o mundo externo onde o crepúsculo e a chuva escondiam perigos e maravilhas. Via passantes apressados tentando se proteger das gotas grossas, carros espirrando água das poças, nuvens pesadas, uma réstia de luz se infiltrando por entre elas; os últimos raios antes do anoitecer. Suspirou tentando conter a ansiedade. Abandonou a vigilância e se deixou cair no assento aveludado, olhos grudados na árvore de Natal, nas lampadinhas pisca-pisca, nas bolas, nos laços, nos chumaços de algodão. Olhou os presentes, já amontoados, sob a árvore artificial.

Não precisou fazer grande esforço para descobrir, oculto sob papéis e fitas coloridas quais eram os seus. Sabia-os um a um. Tinha-os pedido, solicitado, implorado, chantageado, exigido. Conseguira-os, como sempre conseguia o que queria. Não existia afã em abrir os pacotes.

Sem a surpresa, por que a pressa?

O que o angustiava era o outro presente. Aquele que não sabia (porque não tinha como saber) se viria. Mandara uma carta ao Polo Norte. Diretamente para Papai Noel. Não o Papai Noel falso que todos os finais de ano o presenteava. Não o embuste. Mandara a carta para o verdadeiro e único.

Mesmo considerando a possibilidade de estarem certos seus poucos amigos que o avisaram do truque: “Não existe Papai Noel, idiota”, disseram-lhe.

Que tinha a perder? Nada. Escreveu a carta. Colocou nela todo seu suprimento de choros e lamúrias. Acrescentou promessas, todas elas. Qualquer uma. Prometeu mundos e fundos. Garantiu que nunca mais mentiria, nunca mais chantagearia, nunca mais daria escândalos no supermercado, nunca mais escandalizaria a vizinhança, nunca mais colocaria os pais em situação difícil e constrangedora.

Não faria essas promessas vãs ao diabo se ele lhe aparecesse na frente, mas não temia o Papai Noel. Velhinho bom e otário era o que diziam as histórias.

Queria um passeio. Um super passeio no trenó. Junto ao velho e as renas. Ir a todos os cantos do planeta, viajar a velocidade do pensamento. Nada mais fazia sentido ou tinha alguma importância. Queria o Papai Noel levando ele no trenó. Era isso, exatamente isso, que queria.

E ia conseguir, nem mesmo se precisasse jurar por DEUS (de mentira, claro) que só comeria quiabo por toda a vida.

A noite avançou. Cearam. Seus pais confusos... já que os presentes estavam lá para serem abertos. Não havia restrições, Renato podia arrancar os embrulhos, rasgar os papéis de seda, espalhar as peças do Lego ou desmontar o tanque de guerra. Podia fazer o que bem quisesse, já ia longe o tempo em que lhe tentavam obstar os desejos. Ele os vencia e bem sabiam disso. Mas, no entanto, viam-no quieto, mastigando o arroz com passas, a coxa de frango, a salada de ovo cozido e maionese. Bebendo o refrigerante, pensamentos distantes. Vez ou outra soltava uma exclamação e

movia as mãos como se estivesse voando. Deram de ombros e entenderam que o silêncio era uma dádiva divina, um presente natalino que jamais recusariam.

Puseram Renato para dormir e estranharam sua rápida aceitação. Não ia abrir os presentes? Não ia derrubar a árvore de Natal? Não ia quebrar nenhum prato? Não ia chutar o gato, cuspir no tapete?

Tomou banho, colocou o pijama e deitou. A única exigência era de que deixassem a janela aberta. “Mas está chovendo”, lhe disseram. “Quero a janela aberta!”, exclamou incisivo. Colocaram panos de chão junto à parede, afastaram o tapete, cobriram o filho com uma manta a mais e obedeceram ao seu pedido.

Saíram fechando a porta.

Renato ansiava pela vinda do velho embora temesse que isso jamais acontecesse. Não ia administrar bem a decepção. Mergulharia num ódio tão grande que vários natais não seriam suficientes para amenizar as atrocidades que pretendia cometer. Começaria furando os olhos do gato (seria o terceiro em pouco mais de dois anos), depois ia girá-lo pelo rabo e jogá-lo no meio da rua. Chutaria as pernas dos passantes, xingaria todos, cuspiria em suas caras. Atiraria pedras nas vidraças, bateria com pedaços de pau nos meninos menores da rua. Ia mostrar ao velho idiota quem é que mandava ali.

Foi imaginando suas torpezas que adormeceu. E não viu o rodaminho de cores que se formou devagar no meio do quarto. Nem quando o vórtice ganhou forma e contornos, nem quando os móveis foram arrastados por uma força desconhecida, nem quando a chuva que alagava o chão começou a cair de baixo para cima, levando toda água embo-

ra. Os brinquedos quebrados se juntaram, reconstituindo-se. O que era soldado se transformou em boneca, o que era posto de gasolina se transformou em casa da Barbie, as paredes trocaram de cor, os pôsteres mudaram as figuras. Onde era azul ficou rosa, onde era metralhadora virou margarida. A bagunça virou ordem, o frio virou calor, o escuro virou clarão.

Quando Renato abriu os olhos, sonolento e mal humorado, viu um velho gordo, todo de vermelho, rosto bonachão, sorriso besta, olhando para ele. Demorou alguns segundos para atinar com a realidade e mais alguns para se dar conta de que aquele Papai Noel não era seu pai disfarçado atrás de uma fantasia imbecil.

— Papai Noel... — balbuciou incrédulo —... você existe!

Não houve resposta senão um leve movimento das mãos, Renato se viu erguido da cama, flutuando no meio do quarto como se estivesse num foguete indo pra Lua (que, aliás, era um pedido excelente para o Natal seguinte), as mantas e lençóis voltaram a se estender cobrindo outra pessoa, essa adormecida exatamente onde Renato estivera. Seu pijama desapareceu e em seu lugar surgiu uma camiseta irada com uma estampa de caveira e uma calça jeans surrada com manchas que bem podiam ser de sangue! Ainda flutuando, viu o Papai Noel se transformar em cores, a janela se fechar, a menina suspirar e então a explosão... onde desapareceram num rodamoinho de centelhas coloridas.

Quis perguntar quem era a menina, quis perguntar que mudanças foram aquelas no quarto, mas ao diabo com isso. O importante era que se viu de repente sobre um trenó, renas luminosas arrastando-os em direção ao céu. Rodopiaram ao sabor das energias cósmicas, contornaram estrelas,

aproximaram-se do Sol, driblaram cometas e tiraram finas de asteroides. Papai Noel ria um riso escancarado, barulhento. As renas agitavam suas sinetas e tilintavam enlouquecidas enquanto galopavam em frenesi ao redor do planeta.

Renato viu pacotes e mais pacotes de presente surgindo do nada e caindo para a superfície. Espalhavam-se em todas as direções, indo para todos os continentes. Perderam-se em meio às nuvens, desviaram-se no último momento de um jato intercontinental, rasparam impudentes os topos dos pinheirais.

Não havia maior felicidade do que aquela. Não havia maior satisfação do que saber que até Papai Noel fazia as suas vontades. Renato esbugalhava os olhos, saltava alegre no trenó, apontava os dedos para todos os lados, maravilhado, extasiado, embasbacado. Chutou várias vezes as pernas do velhote para ver se ele tinha bom equilíbrio, se se mantinha de pé no trenó apesar das piruetas. E ria o riso dos embevecidos, dos embriagados.

Tinha o mundo aos seus pés. Era senhor da sua vida, da vida de todos!

Sentiu o trenó dar uma guinada, um *looping* estonteante. Sentiu rodar como se estivesse num carrossel, gritou forte abrindo os braços, sentiu-se espremer contra o encosto, fagulhas de múltiplas cores espocaram do trenó, atingindo-o e às renas e ao Papai Noel. Então estacionaram muitos metros acima do solo. Uma região de mata esparsa, solo recoberto por vegetação rasteira e galhos retorcidos. O uivo do vento agitando as ramagens, o grito das corujas, o cricrilar dos insetos, a escuridão se insinuando na região à beira do anoitecer.

— Parou por que, velho burro e gordo? — perguntou

Renato tirando os olhos da paisagem desolada e olhando Papai Noel.

Ficou mais confiante ao ver as feições bonachonas enrubescidas por um sorriso franco, amigo e amoroso. Os olhos do vovô transbordavam beatitude. Ainda exultava quando foi erguido pelo pescoço à altura dos olhos do velho. Abandonou o próprio sorriso, substituído por um engasgo. As pernas sacudiram e as mãos nervosas agarraram os pulsos do homem. Tentou se soltar; escoiceou e grunhiu. Sentiu o ar parado nos pulmões sem conseguir respirar para substituí-lo. Sufocava aos poucos, apavorado, lacrimejante.

— Todo ano escolho três cartas especiais, de pessoas especiais, para lhes fazer as vontades, para satisfazer seus mais profundos e desesperados desejos. — disse Papai Noel, sibilante, forçando um sorriso, sem afrouxar as mãos, mantendo o aperto no cangote do menino. — você foi um dos sortudos da vez! — completou, lançando o moleque para fora do trenó.

Renato ficou aliviado longe do estrangulamento, buscou o ar com desespero enquanto se sentia despencar. Abriu os braços tentando se agarrar a alguma coisa, mas não havia nada em que se segurar. Bateu em galhos, sentiu-se rasgar nas ramagens, colecionou contusões, gemeu, estertorou até bater de cara no chão, tonto, confuso e assustado.

Olhou para cima, viu a luz do trenó. Ouviu a gargalhada insana do Papai Noel e o tilintar das sinetas das renas. Não viu a rápida — quase instantânea — decolagem do bom velhinho, que se distanciou desaparecendo em meio às nuvens.

Ficou só na mata.

Olhou ao redor, perdido. Toda a confiança, toda a arro-

gância que exibia antes, escorreu pelo meio das pernas num jorro forte de urina. Choramou até se dar conta de estar perdido e continuaria assim se não procurasse ajuda. Mas ajuda de quem? Onde? Desesperado, caminhou sem rumo se arranhando nos arbustos e nos espinhos chamando ora pela mãe, ora pelo pai.

Nunca os quis com mais força, com mais desejo que agora. Pensava neles e se remoía de falsas dores e arrependimentos.

Então ouviu um barulho às costas e se voltou rápido. Um menino se escondendo detrás de uma árvore. Na escuridão insidiosa, pouco podia discernir do garoto. Mas alguma coisa nele o assustou. Não sabia bem o quê. Se o olhar, se a expressão, se a silenciosa presença.

Respirou fundo e começou a correr. Quanto mais corria, mas assustado ficava, mais apavorado. Caiu, levantou, correu mais. Quando parou, sem fôlego, olhou para trás e não viu o menino. Sentiu-se vitorioso, mas não necessariamente livre. E não estava mesmo. Viu o pequeno a frente. Como se em vez de se afastar dele tivesse corrido em sua direção.

“Que merda”, pensou angustiado. “Que bosta”. “Mas que porcaria é essa?”

O desconhecido se acercou devagar enquanto Renato recuava, tropeçando nas próprias pernas. Viu a figura macérrima. Olhos redondos, grandes. Rosto macilento, lábios estreitos e rachados. Barriga proeminente, pés descalços.

Riu-se da própria estupidez.

Ter medo daquele pirralho era mesmo ridículo. Sentiu retornar a antiga coragem, estufou o peito e se aproximou convencido. Rodeou o menino observando a patética figu-

ra. Tão pior que ele, tão mais perdido.

Frente a frente, encostou-lhe o dedo indicador no peito, empurrando-o para trás.

— Então, diz aí. Como é que eu faço pra sair daqui? Onde é a cidade? Onde é a sua casa?

— Papai Noel... — Sussurrou o garoto. — ... minha carta, meu presente... — continuou.

Renato franziu o cenho, lembrou-se do velho idiota dizendo qualquer coisa a respeito, mas não pretendia se intimidar nem daria ao garoto qualquer chance ou oportunidade de escapar ou de se acreditar livre de sua superioridade evidente.

— Seu presente o caralh... — começou a dizer, mas se calou em meio a um grito quando se viu jogado ao chão. O garoto sobre seu peito, de cócoras. As mãos de dedos finos e garras pontudas agarradas, afundadas em seu pescoço.

Renato abriu a boca num esgar silencioso. Atônito demais para reagir. Para gritar. Para qualquer coisa. Uma boca cheia de dentes afiados grudou no seu rosto. Mastigou seus olhos, arrancou seu nariz, expôs seus ossos.

Renato se afogou em seu próprio sangue, em seu próprio terror.



A magia do Natal se efetivou no dia seguinte quando um pai e uma mãe se surpreenderam com uma meiga, carinhosa e educada menina dormindo plácida no que era, antes, o quarto de Renato. Abraçaram-se felizes, acreditando — pela primeira vez — no milagre do Natal, na existência

de Papai Noel, no amor de Cristo e no poder de seus mais profundos e desesperados desejos.



BIOGRAFIAS

ORSON SCOTT CARD

Vencedor dos Prêmios Hugo e Nebula, é o criador da premiadíssima saga de Ender Wiggin, tendo os romances *O Jogo do Exterminador*, *Orador dos Mortos* e *Xenocídio* publicados no Brasil pela Devir Livraria. O quarto livro da série, *Os Filhos da Mente* também será publicado em breve.

Também é autor das séries *Homecoming* (que mistura ficção científica e fantasia) e *Tales of Alvin Maker* (uma série de fantasia sobre o folclore norte-americano). Além disso, publicou os romances de fantasia contemporânea *Magic Street* e *Enchantment*.

Algumas de suas histórias curtas já foram publicadas no Brasil, em coletâneas como *Assembleia Estelar* e *Rumo à Fantasia* (ambas pela Devir Livraria).

Card também dá palestras, oficinas e cursos de escrita. Recentemente, assumiu uma cadeira na área de literatura e escrita na Southern Virginia University. Atualmente vive na Carolina do Norte, com sua esposa e uma filha.

TIBOR MORICZ

Filho de húngaros, é um paulistano nascido em 1959. Publicitário e escritor, publicou *Síndrome de Cérbero* (2007), *Fome* (2008) e *O Peregrino – em busca das crianças perdidas* (2011). É um dos autores e organizadores dos dois primeiros volumes da coleção *Imaginários e capitão do bem* sucedido blog internacional de entrevistas ficcionais *From Bar to Bar*. Premiado em concursos literários, tem contos publicados nas coletâneas *Contos Imediatos* (Editora Terracota), *Dieselpunk* e *Space Opera 2* (Editora Draco) e 2013: *Ano Um* (Editora Ornitórrinco).

FLÁVIA CÔRTEZ

Escritora e tradutora carioca, casada e com duas filhas. É formada em Letras (Português e Literaturas), com especialização em Literatura Infantil e Juvenil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com vários livros publicados para crianças e jovens. Seus livros têm sido selecionados e adotados por diversos projetos de leitura por todo país.

MARCELO BIGHETTI

Casado com Adriana desde 1995, é extremamente apaixonado por ela e pelos quatro filhos. Além de designer gráfico é escritor de fantasia e ficção científica, possuindo oito contos publicados, e outros de forma virtual. Em dezembro de 2012 disponibilizou gratuitamente seus contos no ebook *Meus Mundos*, que pode ser baixando através de seu blog <http://www.marcelobighetti.blogspot.com.br>. Contato com o escritor e artista pelo email mbighetti@gmail.com

